

LINGUAGEM E IDEOLOGIA: REFLEXÕES PRELIMINARES

Fabiana Andrade Santos*

RESUMO

Esta pesquisa tem como escopo principal fazer uma análise da ideologia predominante em quatro edições da Revista *Boa Forma*, dos anos de 2005, 2010, 1997 e 2007, especificamente, os títulos das reportagens principais de cada exemplar. Para tanto, priorizamos uma abordagem enunciativa/discursiva da linguagem, tendo como âncora as ideias-chave postuladas por Bakhtin, no que se refere à encarnação material do signo linguístico enquanto objeto eminentemente ideológico. Logo, foi utilizado o método qualitativo, já que o tema pesquisado demandou um estudo fundamentalmente interpretativo que nos levou a concluir que a superestrutura, representada pela mídia, através da sua linguagem manipuladora institucionaliza um determinado padrão de beleza que deve ser mimetizado pelo seu real auditório, a saber, as leitoras da Revista *Boa Forma*.

Palavras-chave: Ideologia. Signo. Institucionalização. Boa Forma. Sociedade.

ABSTRACT

This research has as main purpose to analyze the prevalent ideology in four editions of the *Boa Forma Magazine* in the years 2005, 2010, 1997 and 2007, specifically, the titles of major stories of each issue. To this end, we have prioritized a discursive approach of the language, and having as an anchor the key ideas postulated by Bakhtin, in relation to the material embodiment of the linguistic sign as an object eminently ideological. Then, the qualitative method was used, since the researched subject demanded fundamentally an interpretive study that led us to conclude that the superstructure, represented by the media, through its manipulative language institutionalizes a certain standard of beauty that should be mimicked by its real audience, namely the readers of the *Boa Forma Magazine*.

Key-words: Ideology. Sign. Institutionalization. Fitness. Society.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da importância de se conceber a linguagem numa perspectiva enunciativa/discursiva, levando em consideração o seu aspecto ideológico. Para tanto, inicialmente, abordaremos a concepção formalista da linguagem, cujo fundamento é a teoria saussuriana. Após isso, falaremos da linguagem numa perspectiva enunciativa/discursiva e da relação desta com a ideologia nos reportando às ideias-chave postuladas por Bakhtin (Volochinov), no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, claro que a partir de tímidos recortes, em função da complexidade das considerações tecidas por esse autor e das dimensões deste estudo. Em seguida, faremos uma análise dos títulos das reportagens principais da Revista *Boa Forma* correspondentes aos anos de 2005, 2010, 1997 e 2007 observando qual a ideologia preconizada nos enunciados desses periódicos. Finalmente, na conclusão, teceremos as considerações finais a que chegarmos em função das linhas teóricas que foram apresentadas e do *corpus* analisado.

1 Conceção saussureana de linguagem

* Mestranda em Letras (UFBA) - Professora auxiliar UNEB/Campus XX/Brumado
fabianaandradesantos@yahoo.com.br; fabianaaleite@hotmail.com; fleite@uneb.br

A linguística enquanto ciência teve a sua origem a partir das ideias difundidas pelo paladino Saussure que, apesar de ter participado de outros círculos de abordagem da linguagem, a saber, o dos neogramáticos, separou-se destes mesmo eles tendo questionado os pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa e estabelecido o estudo de imanência das unidades da língua com a introdução da lei fonética como princípio absoluto, ideias também defendidas por Saussure. Porém, tal cisão se deu em função desse grupo não se preocupar em engendrar uma nova metodologia para os estudos linguísticos, a qual priorizasse a criação de uma disciplina para o campo específico de estudo da linguística, preocupação basilar das concepções saussurianas que postularam a cientificidade da linguística. Assim, em 1916, através da publicação do livro *Cours de linguistique générale* os seus discípulos Baally, Riedliger e Secheyaye difundiram as ideias saussurianas acerca do estudo da linguagem que hodiernamente são o ponto de apoio para toda e qualquer teoria se fundamentar ou concordando ou discordando, tecendo críticas, reproduções e inovações.

No *Curso de lingüística geral*, Saussure desenvolveu conceitos individuais de linguagem – language, língua – langue e fala- parole e foram tais reflexões e divisões que servem de análise para muitos pesquisadores seja do “núcleo rígido” ou dos estudos discursivos. Para esse linguista genebrino (1960, p.16) “a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”, ele ainda ressalta que ela é heteróclita e multiforme, composta por duas faces, a saber, a língua- social- e a fala – individual-, faces essas indissociáveis, é como se fosse uma moeda com dois lados que fossem inseparáveis, sem possibilidade de cisão. Porém, mesmo apresentando essa definição acerca da linguagem, Saussure afirma que o objeto de estudo da linguística é a língua, um sistema social, eminentemente organizado e composto por regras invioláveis que devem ser analisadas internamente. A esse respeito Saussure(1960,p.17) postula:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao mundo social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Mais adiante o linguista genebrino (1960,p.28) ressalta :

Cumpra escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente. Pode-se, a rigor, conservar o nome de Lingüística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua.

Diante do transcrito, é inquestionável a postura e a prioridade da proposta de Saussure. Mesmo reconhecendo que a fala é uma das faces da linguagem e que pode ser investigada ele deixa claro que o objeto da linguística é, especificamente, a língua um sistema gramatical perfeito e inviolável, formado por normas indestrutíveis, peremptórias, que devem ser investigadas observando as suas estruturas constitutivas, numa perspectiva imanente, ou seja,

o estudo da língua pela língua, sem levar em conta os contextos imediato e social, a história os interlocutores etc. Em relação a essas postulações, Bakhtin (2004, p.72) reflete formalizando que esse tipo de estudo induz a um tipo de orientação denominada de “objetivismo abstrato”, uma vez que é um sistema fechado, engessado, em que se prioriza o estudo de normas internas, com regras específicas e invioláveis.

Outra informação teórica importante que é apresentada por Saussure (1960, p:21), ainda em relação à linguagem, diz respeito à liberdade que o falante tem de usar a fala nas mais diversas situações sendo ele o seu “dono” e também do caráter individual, eminentemente acessório, dessa outra face da linguagem.

A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo; o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor, nós a chamaremos fala (*parole*).

No nosso entendimento esse tipo de afirmação é um tanto temerária. Como podemos conceber que o indivíduo pode ter o livre arbítrio para escolher o que falar, já que o mesmo é um sujeito, inserido em um contexto social que institui o que deve ser falado, o momento adequado, e, até mesmo, em algumas situações, com delimitação de tempo e de palavras?

Outra questão que também nos aflige e nos impele a considerar é que diante da escolha de Saussure de estudar a língua mesmo reconhecendo a existência da fala e até a possibilidade de se falar de uma linguística da fala ele não estaria, intuitivamente e/ou conscientemente, já deixando claro a riqueza e a complexidade de se fazer uma investigação dessa outra face da linguagem?

Existem muitas considerações de diversos pesquisadores dos mais variados ramos do saber relacionadas à prioridade dada por Saussure de estudar a língua em detrimento da fala e também de apresentar um estudo imanente da primeira, desconsiderando o contexto, a história, a ideologia etc; porém, mesmo reconhecendo esses hiatos, é inquestionável o grande divisor de águas que existe nos estudos linguísticos antes de Saussure e após Saussure, já que a partir da sua abordagem a linguística ganhou o status de ciência autônoma, *considerada em si mesma e por si mesma*, numa perspectiva proeminentemente sincrônica. Além disso, Saussure despertou-nos para a necessidade de ser feito um estudo da linguagem levando em consideração as duas faces da moeda numa perspectiva sócio-histórico- cognitiva – interacionista, a partir de um diálogo com outros ramos do saber, com outras disciplinas. Assim é que surgiu o estudo da linguagem numa perspectiva discursiva que partindo de Saussure ou para contradizê-lo ou buscando a complementaridade das suas contribuições propõe um novo olhar para os estudos linguísticos, colocando em xeque, principalmente, o objeto de estudo da linguística da forma como foi projetada pelo “pai da linguística”.

2 Linguagem e ideologia: uma perspectiva enunciativa/discursiva

A primeira consideração que achamos relevante ressaltar no estudo da linguagem numa perspectiva enunciativa/discursiva é que de acordo às nossas leituras e pesquisas temos observado que não existe, por parte dos pesquisadores, uma preocupação premente em conceituar a linguagem, a língua e a fala como se fossem categorias estanques e como se fosse possível abordá-las separadamente.

É importante ressaltar que os estudos discursivos iniciam as suas considerações acerca da linguagem partindo da concepção saussuriana, mas questionando a inviabilidade de divórcio da língua e da fala e, ao mesmo tempo, a autonomia da linguística enquanto uma ciência que privilegia o estudo das unidades da língua numa abordagem imanente

desconsiderando o processo de compreensão, elaboração e reflexão do sistema linguístico. Entendemos que Bakhtin (2004, p.93) afirma que o primordial na tarefa de descodificação, ou seja, compreensão, não consiste no reconhecimento da forma utilizada, no estabelecimento de normatizações e nem muito menos na priorização de uma taxonomia das unidades linguísticas, mas na utilização da língua como uma forma de ação sobre o outro, uma vez que toda enunciação produz efeitos de sentidos, é carregada de ideologia e é produzida para interlocutores concretos, demandando sempre uma réplica independente de estar impressa ou ser verbalizada.

Verificamos que o pensamento bakhtiniano (2004, p.113) nos induz a concluir que toda palavra é constituída socialmente e dirigida para interlocutores reais o que pode ser comprovado na transcrição abaixo:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.

Outra questão importante que merece ser ressaltada é que o processo de elaboração da enunciação não é um ato individual como foi apregoado pelo “objetivismo abstrato”, nomenclatura utilizada por Bakhtin para designar os estudos da língua numa perspectiva formalista em que se concebe a fala - parole – como o lado individual da linguagem, mas, contrariamente ao que foi abordado pelo estruturalismo saussuriano, a enunciação é um ato elaborado socialmente, é um produto de interação social independente da dimensão da palavra e do contexto onde os interlocutores estão inseridos. Toda enunciação tem uma natureza dialógica, porém, ao mesmo tempo, todo enunciado é único. Isto é, o sujeito constrói o seu conteúdo interior a partir das suas vivências e do diálogo que ele mantém, independente se face a face ou não, com seus interlocutores, mas no momento em que ele materializa a sua ideologia, já que todo signo é ideológico, o que foi verbalizado naquela situação é único e não volta, mesmo que o locutor se esforce para repeti-lo. Essa é, dentre tantas, uma das grandes reflexões feitas por Bakhtin, a materialidade linguística e também o conteúdo interior são sempre perpassados, construídos numa sociedade por pontos de vistas diferentes, ideias gerais, a partir de conhecimentos que foram apreendidos em ambientes formais e informais, explicitado e/ou implícito por discursos alheios, porém todos os enunciados são irrepetíveis, já que são acontecimentos ímpares. Diferentemente das unidades da língua que não têm um interlocutor, não pertencem a ninguém e não revelam um sentido, uma ideologia.

É nessa linha teórica que Bakhtin apresenta o funcionamento real da linguagem. Postulando que (2004,p.123):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O supracitado autor ainda nos leva a compreender que todo enunciado comporta uma compreensão responsiva por parte do interlocutor que se esforça para descodificá-lo dando respostas ao locutor com base na sua compreensão e, logo após esse ato, existe uma alternância de sujeitos que muda naturalmente de papel. Logo, ao “concluir” o seu enunciado,

o locutor concede a palavra ao outro esperando uma atitude ativa deste. É imperioso ressaltarmos ainda que a teoria bakhtiniana considera que a elaboração de um enunciado não é monológica, como foi abordado pelos estudos formalistas, mas sim dialógica uma vez que cada enunciado é construído a partir de outros enunciados que fazem parte da história e do contexto social dos interlocutores. Destarte, segundo o pensamento bakhtiniano, observamos que a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico-social e os sujeitos são seres sociais que não são “senhores” da sua fala. Essas reflexões nos induzem a apresentar um outro conceito importantíssimo elaborado por Bakhtin que está relacionado à ideologia presente nas construções enunciativas. Construções estas, vale ressaltar, que podem ser verbalizadas ou não. Logo, independentemente de ser materializado linguisticamente, todo enunciado é constituído por um sistema ideológico que traduz o que é predominante em uma dada época, em um dado contexto, em uma determinada instituição.

Em relação a isso Bakhtin (2004, p.95) assevera:

De fato, a forma lingüística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos interlocutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Face ao exposto, o autor (BAKHTIN, 2004,p.112) nos leva a apreender, contrariamente às proposições formalistas, que “não é a atividade mental que organiza a expressão, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”. Para Bakhtin, toda expressão, independentemente de ser exteriorizada, é formulada num contexto social, é na interação verbal, na sociedade, que se dá a tomada de posição que se constrói a ideologia, logo, toda enunciação é ideológica. A simples tomada de consciência pode dispensar uma verbalização mas não dispensa uma dimensão ideológica. Segundo o autor a ideologia pode ser representada pela ideologia do cotidiano e pelos sistemas ideológicos constituídos. Em relação a isso Bakhtin (2004,p.118 e 119) ressalta:

Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis. Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. [...] Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia

Diante do que foi discutido fica claro podermos entender que a ideologia do cotidiano é construída socialmente pelo sujeito e é determinada pelos sistemas ideológicos oficiais. Logo, o nosso conteúdo interior, a nossa tomada de consciência ou a materialidade desse

conteúdo são elaborados dentro de uma organização social, assim, a seiva da sua carga ideológica foi engendrada a partir de instituições oficialmente organizadas que preconizam, sorratamente, a elaboração da nossa atividade mental. É interessante essa reflexão porque isso vai de encontro, segundo a nossa ótica, sobre o que foi formalizado por Saussure (1960,p.22) acerca da fala como “um ato individual de vontade e inteligência” do indivíduo. Entendemos que a fala é um produto social carregado de tudo que a sociedade institucionaliza, não temos como fugir desse fato, nessa perspectiva, observamos ainda a inviabilidade de tecermos considerações acerca da linguagem dispensando a faceta ideológica.

3 Análise do corpus

Todo e qualquer enunciado por mínimo que seja traz marcas de uma ideologia predominante que é determinada pela infra-estrutura, ou seja, as bases sócio-econômicas determinam a carga ideológica da superestrutura que, por conseguinte, sendo representada pela classe dominante, perpetua os seus valores sociais. No caso do signo “linguístico”, observa-se que na sua materialização é refletida a ideologia institucionalizada por esse grupo social. A esse respeito Bakhtin (2004, p.45) postula :

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.

Essa passagem é por demais oportuna, pois ela, além de coadunar com o comentário citado no primeiro parágrafo, nos leva a ratificar que, diferentemente da concepção formalista da linguagem, que restringe a análise das unidades linguísticas a uma abordagem gramatical, fazendo um “estudo” mecanicista dos constituintes – fonemas e/ou morfemas - presentes naquele sinal (já que para Bakhtin se o interlocutor não se dispuser a compreender, a interagir com o signo, através de uma réplica, por exemplo, ele não passará de um sinal), o trecho em destaque postula mais uma vez a inexistência da autonomia do indivíduo e a indissociabilidade do signo com o seu material ideológico, que só pode ser construído dentro de um corpo social.

Tendo como âncora também a afirmação de que “ tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. (BAKHTIN, 2004,p.31) , ao procedermos a uma análise preliminar dos principais enunciados, ou seja, dos títulos das reportagens principais da Revista *Boa Forma* dos anos 2005, 2010, 1997 e 2007 pudemos verificar que no primeiro anúncio do ano 20, n.6, edição:216 , junho 2005,p.56, a saber, “*Adriane Galisteu a corrida enxuga este corpinho*” foi materializado através dos signos *corrida*, *enxuga* e *corpinho* uma ideologia que nos leva a pressupor qual tipo de corpinho está sendo propagado pelo publicitário, independentemente de termos acesso à foto da modelo, a única descodificação possível é que Adriane está muito magra, já que o signo *corpinho* apesar de ser empregado no diminutivo traz marcas de uma avaliação apreciativa positiva, ou seja,é banhado pela ideia de que se refere a algo valorativo, e ser magro, hodiernamente, na nossa sociedade, tem como conotação saúde, estar bem, beleza, produção, modernidade etc . Em relação a “*enxuga*” entendemos que Adriane não possui nenhum excesso de gordurinha, a barriga está chapada, ela está completamente esguia e está autorizada a exibir todas as suas

formas, já a palavra “*corrida*” nos incita a interpretar a necessidade de serem realizados exercícios físicos para aquisição do que se institucionaliza como padrão de corpo perfeito, ou seja, padrões de medida institucionalizados por uma superestrutura que, nesse caso, é representada pela mídia.

Essa reflexão pode ser também ratificada na análise do anúncio do próximo periódico do ano 25, n.6, edição:280, junho 2010, p.78, que é representado pelo enunciado “*Carol Castro beleza iluminada. Recém-casada, linda e de volta às novelas, a atriz dá um show pelo seu jogo de cintura ao conciliar carreira, amor, malhação e vida pessoal. Conheça seus truques para enfrentar o dia a dia com muita leveza e inspire-se!*”, já que mais uma vez, considerando o momento histórico e a situação concreta da enunciação que foi materializada pelas palavras “*leveza*”, “*malhação*” e “*inspire-se*”, a linguagem publicitária veicula a sua ideologia de que o corpo perfeito, a boa forma, só pode ser exibida por quem possui um corpo esbelto e que, para conseguir tal feito, o seu auditório concreto deve inspirar-se em Carol, adotando um comportamento mimético, ou seja, malhar a fim de chegar ao padrão de corpo que a atriz possui e/ou voltou a possuir a fim de, certamente, posar para a Revista *Boa Forma* e exibir as formas ditadas pela linguagem publicitária. Verificamos que tais palavras foram utilizadas com uma função específica, elas foram engendradas nesse contexto com o objetivo de apregoar uma determinada ideologia. A esse respeito Bakhtin (2004, p.36) coloca:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Outra questão relevante a ser considerada nas palavras utilizadas pelo produtor da reportagem diz respeito ao que Bakhtin reflete acerca do signo *neutro*, ou seja, da “neutralidade” das palavras o que significa dizer que “qualquer” palavra pode ser escolhida pelo locutor para que em um contexto específico ela passe a desempenhar o tema que esse deseja naquela situação *ad hoc*. Isso pode ser observado no signo “*leveza*” que nessa situação traz a conotação não só da tranquilidade e do equilíbrio da atriz diante das atividades desempenhadas por ela no seu dia a dia, como também, intencionalmente, pode receber a carga temática de que a mesma encontra-se magra, leve, sem excesso de peso, exibindo um padrão de corpo em consonância ao estabelecido pela mídia, sem precisar esforçar-se tanto. Destarte a palavra leveza, ao ser materializada nesse contexto, está assumindo uma função ideológica que poderá ser diferente em outra situação.

O próximo anúncio a ser analisado da Revista *Boa Forma* é do ano 22, n.10, edição:45, outubro 2007, p.89 e traz como título principal “*A nova Paola - 6 quilos e uma barriga de dar inveja*”. Podemos concluir que esse enunciado reflete uma realidade de mudança, de transformação pela qual a atriz passou e carrega a ideologia de que a nova Paola é invejada e/ou deverá despertar inveja, porque não tem barriga e perdeu 6 quilos, aliás, nesse enunciado o leitor não precisa fazer inferências acerca dessa significação, já que os sinais que foram convertidos em signos ideológicos, a saber, “*- 6 quilos*”, “*barriga*” e “*inveja*”, nesse contexto, já pressupõem essa compreensão. É interessante ressaltar ainda, recobrando inclusive o que foi exposto na análise do anúncio anterior, que a intenção do produtor da matéria é também através da palavra “*inveja*” induzir, seduzir o seu real interlocutor a mimetizar a atitude de Paola, ou seja, emagrecer para que as suas formas sejam aceitas pelo corpo social.

Finalmente, no último periódico analisado que se refere ao ano 12, n.4, edição:118, abril 1997, p.30, cuja ideologia foi materializada a partir do enunciado “*Xuxa em busca do equilíbrio : Ninguém tem dúvidas de que ela já conquistou seu lugar ao sol. Mas agora Xuxa quer mais. Aos 34 anos, cheia de planos para o futuro, está preocupada como nunca em*

manter a forma. “*Quero estar bem para curtir as coisas boas da vida*” observamos que a ideia premente diz respeito à necessidade que Xuxa tem, por já ter passado dos trinta anos, em manter a forma do seu corpo, o padrão que ela já conseguiu e que precisa ser mantido, pois essa é uma condição *sine qua non* para que a apresentadora tenha condições de “*curtir as coisas boas*” que a vida lhe proporcionará. Entendendo a necessidade de ser feita sempre “uma análise profunda e aguda da palavra como signo social” (BAKHTIN, 2004 ,p.37) compreendemos que a palavra “*bem*”, dentro de um determinado contexto social, ou seja, concretizado numa situação em que a época e a sociedade reivindicam apenas um único tipo de estética corporal, não está diretamente relacionada com a qualidade de vida da apresentadora, mas sim com a sua boa forma, ou seja, estar sempre esbelta, magra.

Podemos ainda verificar que nas quatro edições que foram analisados os enunciados, todos estão marcados ideologicamente pela luta das modelos por um corpo esguio, esse é o objetivo individual e social que foi formalizado, logo, verificamos que a ideologia é marcada por uma individualidade que só pode ser construída numa sociedade. Em relação a isso Bakhtin (2004, p.59) aborda que :

Todo produto a ideologia leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa reflexão entendendo que hodiernamente não tem como pensarmos na linguagem sem visualizarmos a relevância da sua ação sobre o homem, visto como um sujeito inserido numa sociedade e historicamente constituído, percebemos a necessidade de uma abordagem e análise enunciativa/discursiva da mesma que reflita sobre a sua constituição ideológica . Vemos que a pós-modernidade reivindica uma postura responsiva dos interlocutores e tal posicionamento só é possível entendendo que todo e qualquer enunciado é dialogicamente constituído. Mesmo reconhecendo a importância de uma análise imanente da língua, isso não deve, em hipótese alguma, prescindir uma reflexão que considere o funcionamento da linguagem em situações concretas, já que todo discurso reproduz um ato de fala que é orientado em função dos interlocutores e do contexto em que o mesmo encontra-se inserido, logo, o enunciado de todo e qualquer indivíduo está eivado por ideologias que mesmo não sendo materializadas, não são construídas na sua consciência mas dentro de uma sociedade, refletindo então a sua ideologia .

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. (Volochnov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud. Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- Boa Forma**. São Paulo. Editora Abril, ano 20, edição 216, n. 6, junho 2005, p.56.
- Boa Forma**. São Paulo. Editora Abril, ano 25, edição 280, n. 6, junho 2010, p.78.
- Boa Forma**. São Paulo. Editora Abril, ano 22, edição 245, n. 10, outubro 2007, p.89.
- Boa Forma**. São Paulo. Editora Abril, ano 12, edição 118, n. 4, abril 1997, p.30.
- SASSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1960 (Título original, 1916).